

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17144 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

**FALAR AOS E COM OS SUJEITOS DA PESQUISA: DESAFIOS METODOLÓGICOS NA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

Wanessa Bruna Santos Brito Gomes - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

**FALAR AOS E COM OS SUJEITOS DA PESQUISA: DESAFIOS METODOLÓGICOS NA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**RESUMO:** O presente trabalho, é um recorte de uma pesquisa em nível de doutorado em andamento, o objetivo geral da pesquisa configura-se em investigar a composição das relações educativo-pedagógicas na educação infantil e os desafios e possibilidades para uma docência compartilhada. Para responder ao objetivo traçado, optou-se pela abordagem qualitativa realizando um estudo de caso etnográfico, em um grupo de uma unidade de educação infantil da Rede municipal de ensino de Florianópolis com o foco nas relações docentes e suas dinâmicas relacionais. O destaque realizado para esse trabalho centra-se nos desafios metodológicos nas relações constituídas no campo de pesquisa entre os sujeitos e a pesquisadora. A geração de dados está diretamente interligada por essas relações, no processo da pesquisa buscou-se algumas estratégias para aproximar e dialogar com os sujeitos envolvidos. Durante essa etapa da pesquisa foi possível concluir que a maneira como a pesquisadora se coloca no campo e media essas relações é definidora para a pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Observação participante. Metodologia. Relações. Sujeitos. Pesquisadora.

O recorte o qual centra-se este trabalho é parte de uma pesquisa em nível de doutorado em andamento. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com foco na composição das relações docentes e à docência compartilhada. A organização da pesquisa esteve em torno dos seguintes procedimentos metodológicos: contextualização da docência dos/as professores/as de educação infantil, histórico dos cargos; mapeamento da instituição selecionada; análise do projeto político pedagógico da unidade; acompanhamento das ações por meio de observação participante; registro e análise. Deste modo, fez-se necessário o uso dos seguintes recursos metodológicos: diário de campo, registros fotográficos, previamente autorizados pelas/os profissionais, famílias e crianças.

A pesquisa de campo foi realizada em uma instituição de educação infantil do município de Florianópolis durante o ano de 2023, em um grupo de crianças composto por 18 bebês (1 ano e 6 meses a 2 anos) e suas profissionais (1 professora de educação infantil, 1 professora auxiliar de educação infantil, 2 auxiliares de sala, 1 professora de educação física, 1 professora de educação especial). O olhar das observações esteve centrado nas relações entre as adultas, envolvendo tanto as relações educativas-pedagógicas das/os profissionais docentes como as relações com e entre as crianças. Compartilho neste estudo um pouco do percurso investigativo do campo, problematizando questões acerca dos desafios

metodológicos encontrados na pesquisa. Realizou-se um estudo de caso etnográfico por considerar “[...] um estudo cultural e que diante de uma realidade da instituição educativa com o foco nos fenômenos simbólicos e culturais dentro das dinâmicas relações do contexto” (Sarmiento, 2003, p. 16). Desta forma, a decisão por esta metodologia possibilitou vivenciar o campo e o cotidiano dos sujeitos de modo a levantar novas reflexões e questionamentos.

As escolhas metodológicas de uma pesquisa na área de educação, que seja compromissada com as crianças, são repletas de desafios, estes desafios são ainda maiores quando busca-se realizar uma pesquisa de campo, principalmente se esse campo é um lugar familiar para o/a pesquisador/a. Velho (1978) destaca o grande desafio de estranhar o familiar, pois se faz necessário por conta da dimensão subjetiva da pesquisa, na qual a “realidade” perpassa pelo filtro do/a pesquisador/a. De acordo com Geertz (1989) o/a pesquisador/a precisa ter consciência que a realidade apresentada não é o todo, é somente uma pequena parte do que nossos sujeitos podem levar a compreender, pois o papel do/a pesquisador/a consiste em observar, registrar e analisar, em busca de “[...] inscrever o discurso social” (Geertz, 1989 p.29). Assim todas as escolhas realizadas revelam a postura e a ética do/a pesquisador/a em relação ao seu foco de estudo.

A entrada em campo é demarcada por um misto de sentimentos e situações que influenciam diretamente o percurso da pesquisa. A dinâmica do cotidiano que envolve um grupo de educação infantil com crianças pequenas e profissionais, é muito intenso e, se inserir, efetivamente, é um grande desafio. As relações são subjetivas e a assinatura de um termo de consentimento livre esclarecido não libera “magicamente” a geração e dados, existe um processo que ocorre por de trás das cortinas e que define como esse percurso será realizado. As aproximações ou distanciamentos com os sujeitos envolvidos são definidoras do lugar que o/a pesquisador/a irá assumir na dinâmica intensa de uma observação participante.

Para a observação participante, as relações estabelecidas com todos os sujeitos foram demarcadas por um processo de inserção, mediações e diálogos. A entrada em campo iniciou no parque, por ser um espaço de envolvimento e segurança para as crianças, aberto a possibilidade de novas interações. A entrada em sala somente foi possível após a aprovação das crianças, por mais que todas as famílias tivessem assinado o documento de aceite permitindo a participação na pesquisa, foram as crianças que “liberaram” a entrada da pesquisadora à observação dentro da sala. Compreender e perceber essas ações e relações, tão sutis, foi um grande desafio. Essa “liberação” concedida não é algo definitivo, é necessário um “radar ético” (Buss-Simão, 2022), estar atenta as diferentes maneiras que as crianças expressam sua recusa em participar da pesquisa. Essa vigilância se fez necessária em todo o processo da pesquisa, não somente com as crianças, mas também com as/os adultas/os.

Dentro dos instrumentos selecionados para a geração de dados não realizamos gravações pois algumas profissionais apresentaram desconforto com a filmagem. Esse foi um dos obstáculos que enfrentei, pois para a qualidade dos dados, se faz necessário o uso e

cruzamento de alguns instrumentos. Deste modo, intensifiquei o trabalho nos registros no diário de campo e nas fotos, os quais trouxeram novos desdobramentos e desafios.

As relações entre sujeitos e pesquisadora são delineadas pela postura que se inserem nessa relação de encontro (Amorim, 2004). Esse encontro acontece a partir da entrada em campo no qual os papéis vão se definindo na medida que as relações e interações acontecem. São relações de confiança, insegurança, aproximações ou distanciamentos que vão desenhando as possibilidades e limitações da geração de dados. Durante a pesquisa de campo vivenciei momentos complexos, foram necessárias ações ativas de abandonar os registros de campo para auxiliar o grupo em alguma necessidade. Também me deparei com algumas posições das profissionais em relação ao que foi registrado: “[...] *as profissionais conversam sobre uma ação com as crianças. Uma delas me olha e fala sorrindo: não anota isso!*” (Registro de campo do dia 09/11/2023). Em outros momentos as próprias profissionais reformulavam suas falas em meus registros por considerarem não adequada no momento. Cabe ressaltar que durante todo o processo de campo compartilhei os registros com as profissionais e organizei encontros *online*. Inicialmente para dialogar sobre como elas estavam se sentindo nesse processo, porém depois se tornaram encontros e compartilhamentos de saberes, fazeres, olhares, perspectivas, trocas, ou até mesmo, silêncios que tecidos juntos foram revelando, gerando e delineando os caminhos da pesquisa. Encontros permeados pelo que Paulo Freire (2010) nomeia de autonomia e dialogicidade do discurso espontâneo. Freire (1993) também apresenta a sutileza na relação docente ressaltando a necessidade de se ter o momento de falar *ao* educando e do momento de se falar *com* ele. Faço uso dessa reflexão para a relação com os sujeitos da pesquisa, fazendo uma analogia com o lugar de pesquisadora e dos sujeitos. Durante o processo da pesquisa houve momentos de falar *aos* sujeitos, o que envolveu decisões de responsabilidade da pesquisadora. Também houve momentos de falar *com* elas, o que envolveu diálogo e reflexões mais horizontais.

Ao final do processo de observação participante foi possível concluir que a postura da pesquisadora diante dos sujeitos envolvidos definiu o modo como ocorreu a geração de dados. As aberturas, confortos ou desconfortos com a presença da pesquisadora em sala foram dialogados durante todo o processo e isso contribuiu para uma geração de dados mais respeitosa, segura e tecida durante o percurso. Essa relação foi consolidada e construída entre sujeitos e pesquisadora, a qual dependeu da abertura e aproximação de todos os envolvidos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O Pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.

BUSS-SIMÃO, M. Assentimento no decurso da observação participante nas pesquisas com crianças: acionando o radar ético. Em R. S. de Carvalho (Org.). **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil** (1ed. pp. 57-83). Editora CirKula.2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 2e. São Paulo: Olho D'Água, 1993b.

GEERTZ, G. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT. 1989.

SARMENTO, M. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Org.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, p.1-42, 2003.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar editores. p.36-46, 1978.